

O PESO DA ECONOMIA CHINESA NA NOVA CRISE MUNDIAL - Devemos nos preocupar?

Samuel Leite * - samuel-leite@outlook.com

Carla Giuliani ** - carla.giuliani@esamc.br

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar uma análise macroeconômica retratando o período pós Crise Financeira Mundial, 2008, enfatizando o aumento da dívida global e o peso da dívida chinesa. Serão levantados os problemas que estão deflagrando esta crise e a participação da China nesse cenário, e a vulnerabilidade dos países em desenvolvimento sob a influência chinesa. E para finalizar, a importância e o resultado do endividamento no desenvolvimento econômico dos países carentes em recursos e a próxima crise financeira que se torna evidente

Palavras-Chaves: crise financeira mundial, dívida chinesa, dívida global.

Abstract: The purpose of this article is to present a macroeconomic analysis of the period after the World Financial Crisis, 2008, emphasizing the increase of global debt and the weight of Chinese debt. The problems that trigger this crisis will be raised and China's participation in this scenario, and the vulnerability of developing countries under Chinese influence. Finally, the importance and outcome of indebtedness in the economic development of resource-poor countries and a financial crisis that is becoming evident.

Keywords: global financial crisis, Chinese debt, global debt.

1. Introdução

A dívida pode ser considerada uma forma de riqueza conforme Ben Chu (2018), Economista Editor da The Independent, nos mostra em seu artigo. Corroborando essa ideia, Sandroni (1999, pág. 180) diz que em uma sociedade capitalista, a dívida é um meio de estimular e acelerar o consumo. Na percepção econômica, a dívida é um mecanismo que por meio do empréstimo estimulam os agentes econômicos a consumir ou investir – a obtenção do empréstimo pode ser uma boa ideia desde que gere resultado positivo a economia. O empréstimo se transforma em um problema quando a dívida se torna excessiva e os juros ou a forma de pagamento não coincidi com a capacidade econômica do país (CHU, 2018).

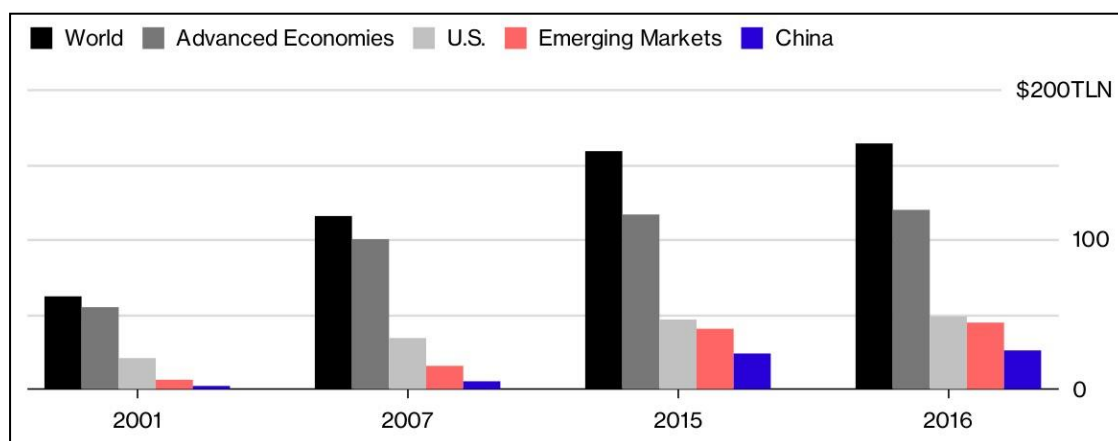
Alexandre Tanzi (2018), Editor Chefe da Bloomberg, ressalta que a dívida global atingiu o patamar de US\$ 250 trilhões em 2018, em torno de 318% do PIB global. Segundo o relatório semestral do Fiscal Monitor citado no artigo de Andrew Mayeda (2018), repórter de economia global da Bloomberg, a dívida pública e privada se elevou significativamente nos últimos anos, grande parte dessa dívida pertence às empresas não financeiras sendo seguida pelo governo. A perspectiva da economia mundial tem se tornado preocupante com o aumento da dívida que está em seu maior nível desde 2011 – a economia global está mais endividada do que antes da crise financeira de 2008. O Fundo Monetário Internacional (FMI) previu um aumento de 3,7% do Produto Interno Bruto (PIB) global em 2018 e 2019, segundo David Lawder (2018) correspondente do FMI na Reuters.

De acordo com o FMI (2018), a China representa quase três quartos do aumento da dívida privada desde a crise financeira de 2008 (MAYEDA, 2018). A dívida total chinesa quadruplicou em 2007 de US\$ 7 trilhões para US\$ 28 trilhões em meados de 2014 – no artigo de Ami Sedghi (2015), escritora freelance da The Guardian, os especialistas afirmam que o aumento tem sido justificado pelo setor imobiliário e pelo sistema bancário paralelo que concede crédito ao agente econômico que não possui acesso a crédito oficial, quase a metade dos novos empréstimos é encaminhado ao sistema bancário não regulamentado. Contudo, segundo Chen Zhao (2017), Financial Time, afirma que a dívida chinesa não é um problema a ponto de gerar outro colapso financeiro, como alegam os países ocidentais.

Diversos governos possuem níveis preocupantes na relação dívida/PIB, (MAYEDA, 2018), mais de um terço dos países desenvolvidos possuem nível da dívida sobre o PIB acima de 85%. Segundo Trading Economics (2019), em 2017 apresentou os seguintes resultados na relação dívida do governo/PIB: Japão (253%), Itália (131,40%) e os EUA (105,40%). Enquanto os países em desenvolvimento detinham níveis de endividamento acima de 65%, por exemplo: Brasil (74,07%) e Índia (68,70%) – a dívida pública bruta da China em 2008 era de 27% e em 2017 atingiu o patamar de 47,60%, crescimento de 76,30% em apenas nove anos, veja no figura 01.

Figura 01: Dívida global (2001 a2016)

Fonte: Bloomberg (2018). Refere-se à dívida bruta global (privada, pública e não financeira) para uma amostra de 190 países



2. ANÁLISE DA DÍVIDA GLOBAL (2008 A 2018)

A dívida se caracteriza em uma sociedade capitalista moderna como meio de estimular o consumo, manter o nível de produção e gerar riqueza (SANDRONI, 1999, página 180).

No documentário, Overdose - A Próxima Crise Financeira, dirigido por Martin Borgs (2010), cita que após a queda das Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001, os EUA injetaram uma quantia exorbitante no mercado para combater a paralisação da economia – houve uma redução significativa na taxa de juros americana (FED), conforme se observa na figura 2 a seguir, que ocasionou a crise de 2008, Bolha Imobiliária, e afetou os países que mantinham relações comerciais com os estadunidenses. A dívida mundial

está acima dos níveis de 2008, em meados de 2014 resultou em um passivo de US\$ 199 trilhões ao acrescentar ao bolo as dívidas domésticas, corporativas e bancárias, aumento de 40% em relação a 2007, de acordo com a análise da McKinsey Global Institute publicado no artigo do Tom Petrino (2018), escritor financeiro freelance do jornal Los Angeles Times.

Figura 02: taxa de juros americana (2000 à 2018)



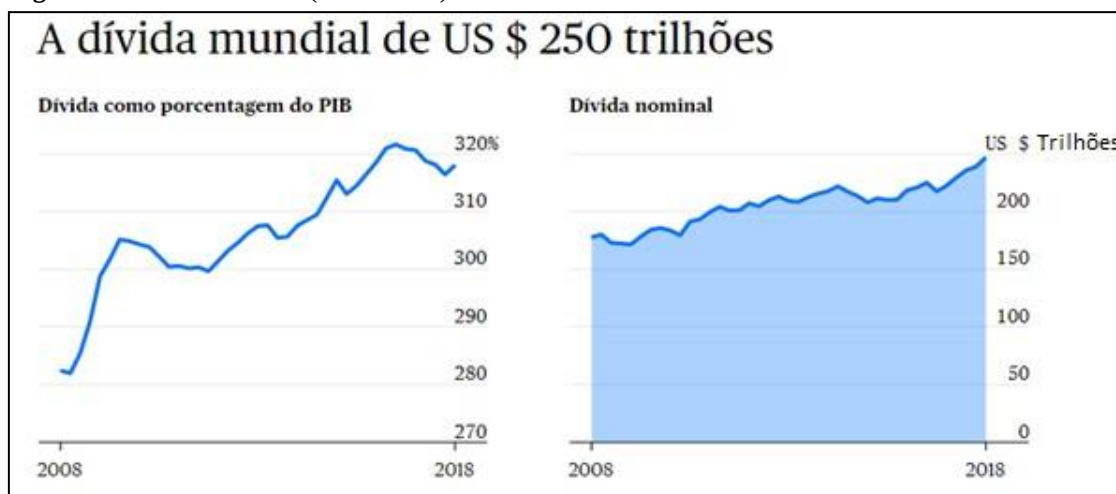
Fonte: FRED 2019

Após a crise de 2008, as taxas de juros se tornaram baixas que estimularam os agentes econômicos a consumirem visando superar a recessão – segundo Edward Yardeni, diretor da Yardeni Research, argumenta no artigo de Petrino (2018), que "as políticas do banco central foram baseadas na teoria de que as baixas taxas de juros estimularão a demanda" e salienta que "essa teoria agora está esgotada". O crescimento global real apresentou baixo crescimento de 2012 a 2015 com média de 2,4% ao ano que contraria o crescimento apresentado de 2001 a 2010 que foi em média de 3,7%, incluindo os anos da grande recessão. Espera-se um crescimento na economia mundial de 3,7% em 2018 e 2019, segundo o FMI (2018).

A dívida global elevou-se significativamente de US\$ 173 trilhões no período da crise de 2008 para US\$ 250 trilhões em 2018, e os seus resultados tem sido o de sufocar o crescimento econômico ao invés de promovê-lo. Conforme Petrino (2018): para o Federal Reserve (FED) e outros bancos centrais no mundo, o cenário econômico alerta de que os agentes econômicos estão desconfiados das ferramentas tradicionais de política monetária, por exemplo, a taxa de juros, em conseguir um crescimento econômico rápido (Figura 03).

Desde 2008, "o desenvolvimento mais preocupante tem sido o aumento acentuado da dívida do setor privado... especialmente em várias economias emergentes", advertiu o Banco de Compensações Internacionais, que é de propriedade dos bancos centrais do mundo (PETRUNO, LOS ANGELES TIMES 2016).

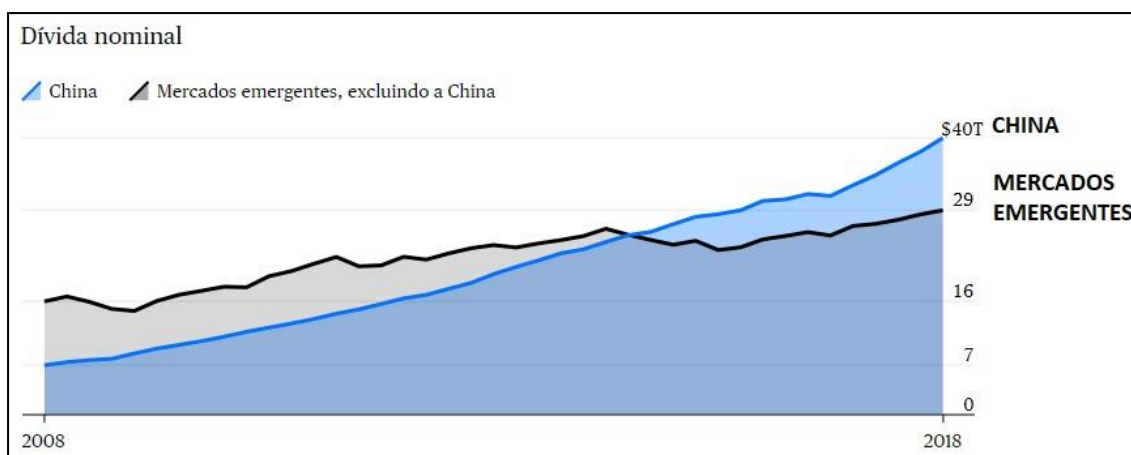
Figura 03: Dívida mundial (2008- 2018).



Fonte: Bloomberg (2018)

Diversos governos promoveram regulamentação, pós-crise financeira de 2008, para que as corporações financeiras adotassem medidas saudáveis para se tornarem resistentes a outro colapso financeiro. Durante a última década (2008 – 2018), o aumento da dívida das corporações financeiras foi de apenas US\$ 3 trilhões que resultou em uma relação baixa entre a dívida/PIB, diferença de 5,17% (2008 de US\$ 58 trilhões e 2018 de US\$ 61 trilhões), segundo Brian Chappatta (2018), colunista de opinião da Bloomberg. Empresas aproveitaram a queda da taxa de juros para assumir níveis mais altos de alavancagem para aumentar o lucro. Em relação às famílias, aparentam estar em uma posição similar ao que estavam a 10 anos, dependendo da forma que é analisado, os países desenvolvidos apresentaram em termos nominais uma baixa no quesito da dívida, enquanto a China apresentou um aumento significativo na dívida das famílias em US\$ 6,5 trilhões, ante US\$ 757 bilhões em 2008 (Figura 04). De acordo com o artigo de Larry Elliot (2018), editor de economia da The Guardian, o FMI cita que a China é responsável por mais de 40% do aumento da dívida global desde 2007.

Figura 04: Dívida nominal. China versus Mercados emergentes.



Fonte: Bloomberg (2018)

Os governantes se encontram em território desconhecido, diante do crescimento significativo da dívida global, não sabendo se isso é bom ou ruim para a economia. Uma maneira diferente de se observar está questão, é por meio da expressão inglesa utilizada desde os meados de 1800, “pea soup”, que traduzindo de forma literal é uma sopa de ervilha espessa e saborosa servida em prato fundo cujo significado é a dificuldade de ver o que há no fundo do prato por conta da sopa ser espessa. Com o histórico da crise de 2008, seria prudente saldar a dívida e não a aumentar (CHAPPATTA, 2018).

Os antigos reis babilônicos tinham uma ferramenta especial à sua disposição quando as condições econômicas ou sociais se tornavam perigosas: eles declarariam um “jubileu da dívida” e eliminariam instantaneamente os empréstimos dos devedores, permitindo que as pessoas comuns recomeçassem com uma chapa limpa. (PETRUNO, LOS ANGELES TIMES, 2016).

Por mais que a ideia do “jubileu da dívida” (perdão da dívida) aparente ser agradável diante do cenário econômico é necessária cautela pelo fato que a eliminação da dívida desestimularia o empréstimo, porque os agentes econômicos não terão interesse em emprestar sabendo que não receberão de volta o dinheiro emprestado – especialista argumentam que o perdão da dívida de alguns tomadores se torna certo quando não há outro meio de resolver a situação econômica do país, por exemplo, a Grécia com passivo de US\$ 359 bilhões (PETRUNO, 2018), e o FMI em 2005 anunciou o perdão da dívida de 19 países pobres que superou os US\$ 3,3 bilhões em total cancelado, Estadão (2005).

O decréscimo das taxas de juros após 2008 permitiram estimular os agentes econômicos a manterem as suas atividades visando superar a crise financeira, mas

observamos que a taxa de juros baixa não proporcionou o crescimento econômico esperado com crescimento de 3,7% entre 2001 e 2010 e de 2,4% entre 2012 a 2015.

2.1 Dívida *versus* Crescimento Econômico

O crescimento econômico é o aumento da capacidade produtiva: produção de bens e serviços de determinado país ou área econômica, é refletido pelo índice de crescimento anual do PIB e pode apresentar melhorias no padrão de vida se o desempenho econômico for favorável (SANDRONI, 1999, páginas 141 e 169).

Após 10 anos da crise financeira de 2008, a economia global recuperou-se gradualmente, porém em uma visão de longo prazo, a renda e o consumo das famílias estão deprimidos sob os efeitos da Crise Financeira Global (2008). Segundo Scott B. MacDonald (2018), diretor administrativo sênior da KWR International, publicou um artigo na The National Interest argumentando que nos últimos anos a política monetária global tem se tornado cada vez mais rígida e apresentará uma queda no crescimento econômico pelo menos nos próximos dois anos – por mais que a imagem atual do mundo é brilhante no quesito de crescimento, é possível observar nuvens escuras se aproximando. É ressaltado pela Christine Lagarde, Diretora-

Gerente do FMI, no artigo publicado do jornal El País, por Sandro Pozzi (2018), “(...) que não prevê uma recessão global em curto prazo, embora avise que o crescimento está ‘vulnerável’ (...)”, e é destacado no artigo de Fergal O’Brien (2019), Editor da Bloomberg.

A forte perda de velocidade da economia global até 2018 deixou o ritmo de expansão mais fraco desde a crise financeira global de uma década atrás, de acordo com a Bloomberg Economics (O’BRIEN, BLOOMBERG, 2019).

O aumento no nível de endividamento corporativo pode não ser um risco para o sistema financeiro, mas pode se tornar em um período de cinco anos se não for corrigido – o endividamento das famílias foi um dos principais motivos da crise financeira em 2008.

No artigo de Daniel Solomon e Ugne Saltenyte (2018), analistas do EuroMonitor International, resalta que o consumo per capita nos EUA se encontra menor em 10% do que teria sido sob o crescimento da tendência dos últimos 50 anos. A crise financeira de

2008 não afetou diretamente a China por adotarem na época o programa de estímulo fiscal e de crédito, entretanto deve-se notar que o crescimento do PIB chinês em 2007 atingiu 14,2% do PIB real, agora no ambiente de 2018-2019 deve atingir 6,3%. O custo para elevar o PIB foi o aumento do endividamento.

Por mais que o estímulo significativo, como a taxa de juros, realizado nesse período de 10 anos foi necessário para evitar outra Grande Recessão, não se atentaram na normalização das taxas de juros após o crescimento econômico que gerou outro problema, endividamento. Em diversos aspectos, a grande maioria dos bancos centrais apresentou relutância em reduzir a liquidez por causa das economias e do mercado financeiro não estarem preparados para as mudanças. Os bancos centrais como: FED, o Banco da Inglaterra, Banco Central Europeu e o Banco do Japão mantiveram as taxas de juros baixas e a maioria adotou programa de flexibilização quantitativa (QE) que envolvia a compra de títulos pelo banco central.

A análise do Banco Mundial diz que, a dívida de um país se torna preocupante quando atingem 77% da relação dívida governamental/PIB, se ultrapassar esse ponto de inflexão por um período prolongado desacelerará o crescimento econômico e cada percentual acima desse nível custará 1,7% ao país de crescimento econômico, e em países em desenvolvimento o ponto de inflexão é de 64% que ultrapassando custará 2% ao ano de crescimento econômico – ressaltando a importância do gerenciamento da dívida. Em seu artigo MacDonald (2018), cita uma análise do Monitor Fiscal de abril de 2018 do FMI que:

- O endividamento/PIB apresentou uma valorização de 12% em relação ao pico anterior em 2009. A China vem impulsionando o endividamento;
- Os países desenvolvidos estabilizaram a relação dívida/PIB desde 2012, acima de 105% do PIB e deverá diminuir no decorrer dos anos – nível não visto desde a Segunda Guerra Mundial;
- Nos países em desenvolvimento, a relação dívida/PIB atingiu em 2017 quase 50% - nível não visto desde a crise de 1980 (crise que abalou a América Latina e parte da África e Ásia), e o FMI espera um aumento nos próximos anos.
- O endividamento está sendo estimulado pelos déficits primários que estão em sua maior alta em décadas em países em desenvolvimento.

Segundo MacDonald (2018) cita no artigo da The National Interest que os EUA possuem um ou talvez dois anos de crescimento até atingir a recessão, e de acordo com o FMI a dívida americana deve aumentar de 108% do PIB em 2018 para 111,3% em 2019. Em relação ao Japão, a relação dívida/PIB é de 253% em 2018 e com previsão de redução para 232% em 2020.

Os países, por exemplo, os EUA, que visam o desenvolvimento e possuem déficit fiscal recorrem ao mercado para obter recursos para honrar com as obrigações, assim como os países em desenvolvimento que apresentam percentual superior a 10% do PIB em 2018 e 2019 na obtenção de recursos, por exemplo: Argentina, Brasil, Egito, Hungria, Paquistão e África do Sul – a necessidade de obter recursos para manter a economia em crescimento se torna alarmante e o FMI e os outros órgãos estão pedindo que os governos controlem os seus déficits fiscais.

Como observa o FMI: “a política ótima em tempos normais é reduzir os índices de endividamento de forma gradual, mas persistente, em antecipação a futuros grandes eventos negativos”. (MACDONALD, THE NATIONAL INTEREST, 2018).

Em seu artigo, Tanzi (2018) cita uma frase de uma entrevista com a Kristalina Georgieva, diretora executiva do Banco Mundial, que “com as taxas de juros subindo, a atenção sobre a sustentabilidade da dívida tem que ser mais forte”. A dívida aumentou significativamente nos mercados em desenvolvimento, por exemplo: Brasil, Arábia Saudita, Nigéria e Argentina – diante desse cenário, os governos precisam começar a analisar e a tomar medidas para corrigir. Segundo Chen Zhao (2017), Financial Times, discorda que a dívida chinesa irá ocasionar outra crise financeira global, pelo fato da China possuir uma taxa de poupança interna de 48%, quase US\$ 6 trilhões.

Observa-se a importância do endividamento para assegurar as atividades econômicas e o desenvolvimento do país, mas acima de tudo a necessidade de gerenciamento da dívida para não ultrapassar a receita do período, e viver uma ilusão econômica. A China por mais que não tenha sido afetada em 2008, através dos programas de estímulo que permitiram o crescimento da economia, tem gerado dúvida sobre até quando a economia continuará otimista, e há um ponto de interrogação se uma crise chinesa prejudicará o crescimento econômico mundial, por mais que alguns especialistas da região asiática justifiquem que a China não será um dos motivos da crise financeira.

3. REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

A China surgiu há quatro mil anos e se tornou um grande império asiático no século II a.C. A China unificada, como conhecemos atualmente (2019), é o resultado da unificação do país que se iniciou com o primeiro imperador da China unificada, Qin Shi Huang Di.

Em 1911 ocorreu a Revolução Chinesa, movimento político, social, econômico e cultural liderado pelo médico, político e estadista chinês Sun Yat-Sem - o movimento que derrubou a Dinastia Manchu do poder tinha por objetivo lutar contra a influência e a exploração estrangeira. Em outubro de 1949, os comunistas tomaram o poder e proclamaram a República Popular da China, Mao Tse-Tung como líder supremo, o país passou por diversas reformas, incluindo econômica.

Em 1978, o político e líder comunista chinês, Deng Xiaoping, conduziu a transformação da República Popular da China e rompeu com a ideologia “maoista” e a vertente socialista – no fim da década de 1990, o país abriu mão da economia planificada para a economia de mercado sob o lema “reforma e abertura”. Porém, Xiaoping queria montar um modelo próprio que combinasse Estado e mercado, público e privado, a proteção aos produtos nacionais e ao mesmo tempo atrair investimentos estrangeiros, para atingir tal objetivo, realizou viagens ao exterior, estudaram importantes livros econômicos da época e entre outros meios. Após o lançamento das reformas, o PIB chinês aumentou até atingir a cifra de dois dígitos. O atual presidente chinês, Xi Jinping (2019), está comprometido em dobrar a economia chinesa de 2010 a 2020.

3.1 A Origem do Recurso Chinês

No artigo da Su-Lin Tan (2018), repórter da Financial Review, salienta que a China é um país autossuficiente de 1,39 bilhão de pessoas (2018), com exportação de baixo preço e mão de obra barata – alguns afirmam que a riqueza do país provém das grandes impressões de dinheiro e outros argumentam que se origina do setor imobiliário que é um gerador de dinheiro no país, os preços dos imóveis nas principais cidades cresceram de seis a sete vezes em pouco tempo por causa do significativo crescimento econômico e populacional, o setor imobiliário tem se tornado especulativo e o governo

chinês têm lutado para impedir que ocorra uma bolha imobiliária – mas segundo Ken Moak (2019), especialista em economia do jornal Asia Times, alega que é impossível ocorrer uma bolha imobiliária, porque ao contrário do Ocidente quando se trata de adquirir uma casa, a família chinesa se dedica em ajudar o jovem casal com o pagamento inicial e o pagamento da hipoteca, se necessário – a demanda por residência é um efeito multiplicador que cria demanda e estimula as indústrias a produzirem, favorecendo o crescimento econômico.

De forma simples, os recursos provêm do povo chinês que trabalha dia e noite, conforme ressaltado no artigo da Macarena Vidal Liy (2019), jornalista correspondente de Pequim no El País, as longas jornadas de trabalhos que chegam a ser das 9h às 21h durante seis dias na semana, conhecida culturalmente como “9.96” – os funcionários das empresas chinesas, não generalizando, têm apresentado queixas contra as longas horas de trabalho que tem ocasionado estresse e cansaço.

A China depois de passar séculos dependendo quase inteiramente da produção agrícola, na década de 1970 com a abertura do mercado chinês permitiu que se industrializasse e hoje há diversidades de fábricas produzindo diferentes bens com baixo valor de custo que se tornou referência internacional – o país obteve um persistente superávit com os EUA e o resto do mundo por cerca de um quarto de século, ou seja, o mercado chinês vendeu mais do que comprou e o excedente em dinheiro que ganhou com as vendas foi para a mão do governo (intervenção do Banco Central para manter a moeda chinesa desvalorizada frente às moedas estrangeiras) – em algum momento de 2015, as empresas e as famílias chinesas começaram a diversificar os seus investimentos e a optarem pela moeda americana. O Dr. Jerry L. Jordan (2018), membro sênior do Sound Money Project da Atlas Network e ex-presidente do Cleveland Federal Reserve cita em um artigo publicado na Forbes:

(...) mais de um trilhão de dólares em moeda chinesa foi convertido em dólares e transferido para o exterior nos últimos anos, encontrando um novo lar em imóveis, mercados de ações e outros investimentos (...). (JORDAN, FORBES, 2018).

A migração das empresas chinesas juntamente com os trabalhadores chineses em outros países tem provocado incomodo, porque alegam que as riquezas geradas localmente beneficiam apenas a China e não os países que os recebem. A Ásia e a África têm apresentado protestos contra os trabalhadores chineses. O Vietnã e a Índia estão entre

as nações que adotaram medidas para controlar a entrada dos trabalhadores chineses no país – os executivos chineses argumentam que os trabalhadores chineses tendem a ser mais habilidosos e fáceis de administrar do que os trabalhadores locais, conforme ressaltado no artigo de Edward Wong (2009), correspondente diplomático e internacional do jornal New York Times.

Entretanto, Nick Van Mead (2018), Vice Editor da The Guardian, contraria o artigo de Wong (2009), citado anteriormente, ressalta que a presença da China na África por meio das empresas e capital chinês tem proporcionado desenvolvimento econômico, a pequena vila de pescadores de Bagamoyo deve se tornar o maior porto marítimo da África com capital chinês de US\$ 10 bilhões. Os habitantes locais estão otimistas com esse empreendimento em andamento por gerar emprego – a região é vista pela China com um novo Shenzhen (China), porque antes de Deng Xiaoping tornar a cidade chinesa na primeira zona econômica em 1979, Shenzhen era uma pequena cidade pesqueira. Da mesma forma a Etiópia, país sem litoral, adquiriu uma ferrovia elétrica de 470 milhas da capital, Adis Abeba, até o porto da ditadura vizinha de Djibuti – projeto financiado por um banco chinês e construído por uma empresa chinesa que custou £ 2,5 bilhões. O norte do Laos, situada entre a China e a Tailândia, era totalmente isolado até a abertura das fronteiras com o Vietnã e a China que resultou em uma transformação econômica, e há mais três províncias do norte do Lao: Luang Namtha, Oudomxay e Luang Prabang que estão passando pelo mesmo processo – o cenário evidencia os resultados da presença chinesa na região, conforme destacado no artigo de Pepe Escobar (2019), jornalista da Asia Times.

A origem dos recursos chineses para manter o crescimento econômico artificial tem sido justificada pelas exportações de produtos com baixo custo, controle artificial da moeda chinesa, e entre outros – interessante que, a participação da China em outros países além de impulsionar o desenvolvimento econômico regional, assim como demandar mão de obra local, tem gerado recursos financeiros ao governo local, ou seja, beneficiam ambos os players envolvidos, pois a China possui acesso à matéria prima local para manter o seu crescimento contínuo e os países recebem capital para impulsionar o seu desenvolvimento. A presença chinesa em determinadas regiões reforça a sua influência como exportador de produtos, como por exemplo, o Porto de Piraeus, Grécia, que é um dos maiores portos do Mediterrâneo e da Europa.

3.1.1 Empréstimo

A China tem elevado a sua participação em relação aos empréstimos a outros países e em troca obtêm impressionantes recompensas econômicas que retornam ao governo chinês – o total de ajuda externa e empréstimo chinês são de US\$ 362 bilhões, 21% desse montante são considerados ajuda tradicional com o objetivo de desenvolver o ambiente econômico e o bem estar dos países que o recebem e o restante em empréstimo comercial que é pago a Pequim com juros, de acordo o artigo publicado por Celia Hatton (2017), correspondente e apresentadora da BBC News.

O dinheiro chinês se tornou atraente no mercado internacional por oferecer empréstimo com taxa de juros atrativa (nos anos 1960 a 1990 os países ocidentais ofereceram empréstimos com juros altos aos países em desenvolvimento que impossibilitou de honrarem com as obrigações). Os países que recebem os empréstimos chineses não estão sofrendo economicamente, mas não apresentam crescimento econômico, citado no artigo publicado por Hatton (2017). A diretora da Iniciativa de Pesquisa da África da China (Cari), Deborah Bräutigam, ressalta preocupação no artigo de Nick Van Mead (2018), Vice Editor da The Guardian, “Eles serão capazes de gerar atividade econômica suficiente através desses projetos para pagar esses empréstimos?”.

Os especialistas temem que em 10 ou 15 anos o cenário irá mudar, pois os países estão acumulando dívidas que impossibilitarão de honrarem com as suas obrigações financeiras. Os críticos da situação argumentam que a ajuda da China é desonesta e resulta em desestímulo a democratização, pois os empréstimos chineses mudaram a África pelo fato de não exigirem reformas democráticas como os países desenvolvidos exigiam ao oferecer auxílio. Em uma entrevista com a Eliane Oliveira (2019), coordenadora de economia do O Globo, o embaixador chinês, Yang Wanming, que assumiu o cargo em dezembro de 2018, afirma:

Questionado sobre as críticas que a China costuma receber por estimular sua indústria com subsídios públicos, Yan Wanming disse que seu país respeita as normas de comércio multilaterais, mas que todas as nações devem ter a liberdade de escolher sua política econômica (...). No entanto, acreditamos que cada nação tem a liberdade de formular uma política econômica adequada ao seu próprio desenvolvimento e condizente com as suas condições nacionais, de maneira que não existe um modelo único de desenvolvimento válido para

todos. É essa liberdade que deve ser respeitada e nenhum país deve ser discriminado ou criticado por isso. (OLIVEIRA, GLOBO, 2019).

3.1.1.1. One Belt One Road

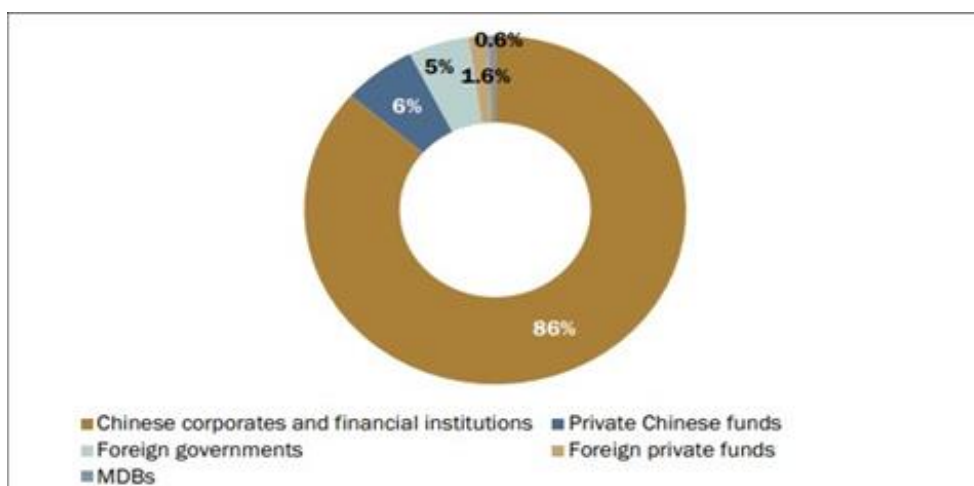
One Belt One Road (OBOR) tem por objetivo restaurar a antiga rota da seda, aprimorar a conectividade e a cooperação entre os países permitindo impulsionar o crescimento econômico e abrir mercado aos produtos chineses.

De acordo com o relatório da ICBC Standard Bank (2018), a captação de recursos do OBOR ou Belt and Road (B & R) provém de diferentes origens, por exemplo: banco de desenvolvimento chinês, fundo de capital, empresas, fundo privado e governamental estrangeiro e outros. As grandes entidades apoiadas pelo governo chinês fornecem a maior parte do financiamento. Até o final de 2016, a Associação Chinesa de Bancos cita que os dois bancos de política da China (Banco de Exportação-Importação da China e Banco de Desenvolvimento da China) forneceram financiamento para US\$ 200 bilhões em projetos, assim como os quatro bancos comerciais estatais (ICBC, China Construction Bank, Banco Agrícola da China e Banco da China) que concederam mais de US\$ 225 bilhões em empréstimos a OBOR, mas as empresas de outros segmentos também são fontes importantes de recursos, por exemplo: seguradora Sinosure que financiou as atividades da Refinaria de Petróleo Abadan (Irã) e a Corporação Nacional Nuclear da China que forneceu empréstimos para construir uma usina nuclear no Paquistão. As empresas estatais e bancos chineses forneceram mais de 80% dos recursos e menos de 10% se originou de recursos estrangeiros, conforme a figura 5 a seguir.

Porém, o artigo de Gordon Watts (2019), Editor Associado da Asia Times, cita que os países ocidentais tem criticado o OBOR alegando que, é uma máquina de endividar os países pelo fato de realizar empréstimos significativos a países carentes de recursos, no entanto Pequim está lutando para reforçar a transparência do OBOR por meio de um dos aliados fiéis da América, Reino Unido.

“A Grã-Bretanha desempenhou um papel de liderança na criação e gestão do Banco Asiático de Investimentos em Infra-estrutura”, disse o embaixador da China, Liu Xiaoming, ao Evening Standard de Londres. “No desenvolvimento do [Belt and Road], a Grã-Bretanha poderia ter um grande papel a desempenhar para garantir que os projetos sejam de melhor qualidade, com um padrão mais elevado, com um retorno maior.” (WATTS, ASIA TIMES, 2019).

Figura 05: Parcela total do financiamento dos projetos, OBOR, dividido por fonte.



Fonte: ICBC Standard Bank e Oxford Economics (2018).

O Wang Yong, do Centro de Economia Política Internacional da Universidade de Pequim cita no artigo de Gordon Watts (2019), Editor Associado da Asia Times, argumenta que os meios de comunicação dos EUA e do Ocidente estão transmitindo imagem negativa do OBOR devido a ideologias e ideias tendenciosas, pois a influência da China tem se tornado relevante nos últimos anos, principalmente, em países em desenvolvimento.

3.1.2 Compra de Dívidas Estrangeiras

A China possui a maior quantidade de dívida em títulos dos EUA. Em novembro de 2013 registrou US\$ 1,3 trilhão em dívida americana, e em outubro de 2018 atingiu o patamar de US\$ 1.138 trilhões, que representou 29% dos US\$ 39 trilhões em títulos do Tesouro e notas em poder de país estrangeiro.

A China visa substituir a moeda americana em longo prazo pelo Yuan, moeda chinesa, no artigo de Kimberly Amadeo (2018), especialista em economia da The Balance, ou seja, tornar a moeda chinesa presente nas negociações internacionais, destacado no artigo do Frank Holmes (2015), CEO e Diretor de Investimentos dos US Global Investors, no jornal Business Insider.

De acordo com o Amadeo (2018) a propriedade por parte da China das notas do Tesouro dos EUA ajuda a sua economia a crescer, mantém o yuan fraco em relação ao dólar o que torna os produtos chineses competitivos no quesito de preço.

Ele faz isso mantendo o Yuan a uma taxa fixa em comparação com uma "cesta de moedas" da qual a maioria é o dólar, quando dólar cai em valor, o governo chinês usa dólares para comprar títulos do Tesouro. Recebe esses dólares de empresas chinesas que os recebem como pagamentos por suas exportações. As compras do Tesouro da China aumentam a demanda pelo dólar e, portanto, seu valor. (AMADEO, THE BALANCE, 2018).

A China possui influência sobre os EUA. Segundo Amadeo (2018), a venda da dívida que os chineses detêm afetará a economia americana – Mourdoukoutas (2018) cita que podem ocorrer dois cenários se a China vender ou parar de comprar os títulos do Tesouro dos EUA:

- A taxa de juros americana de longo prazo iria aumentar;
- O yuan valorizaria em relação ao dólar-americano que prejudicaria as exportações, crescimento econômico e emprego na China;

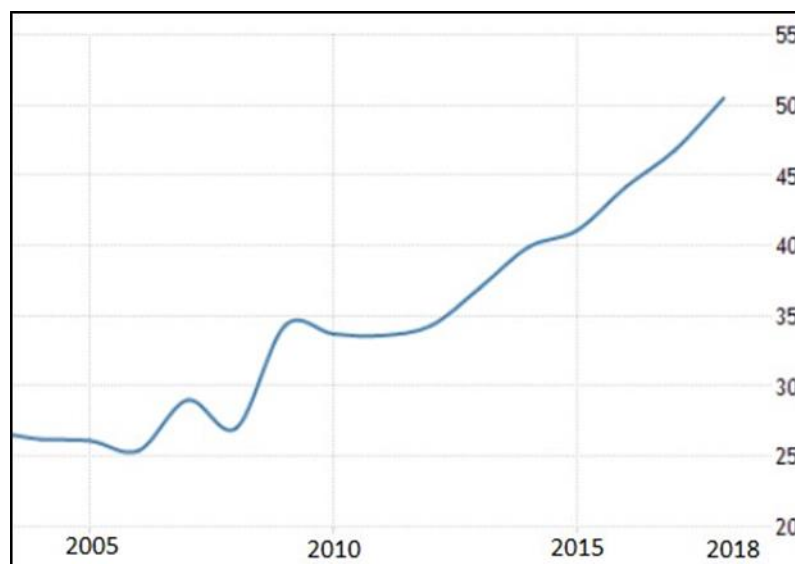
O cenário não se torna favorável na venda ou na redução da compra dos títulos do Tesouro dos EUA. Para tal, se a China fosse eliminar a relação de dívida com os EUA, seria necessário elevar a sua participação de exportação para outros países e aumentar a sua demanda doméstica para que a economia chinesa não seja prejudicada, conforme o artigo de Amadeo (2018).

3.2 Análise da Dívida Chinesa

A China não foi afetada diretamente pela crise financeira global de 2008/2009, mas a sua economia sofreu uma queda nas exportações e uma grande correção no mercado de ações que eliminou cerca de dois terços do seu valor de mercado – diante desse cenário, o país lançou um pacote de estímulo de US\$ 586 bilhões (13% do PIB) no final de 2008 para estimular a demanda doméstica e o crescimento econômico. O estímulo chinês foi financiado em grande parte por meio dos empréstimos do sistema bancário estatal que resultou no aumento da dívida – os empréstimos tradicionais são obtidos por meio dos bancos controlados pelo governo, mas o mercado apresentou mudança ao buscar empréstimos em meios alternativos e menos transparente, elevando o risco e a dívida chinesa – esses empréstimos são realizados por meio de pequenos bancos locais e provincianos que ofertam recurso pouco regulamentado, é difícil mensurar o valor real da dívida do país com esse fator.

A China, assim como uma aeronave, está enfrentando um pouco forçado, citado no artigo da Bloomberg (2018) - o endividamento chinês tem se tornado evidente (figura 06), de acordo com o Mourdoukoutas (2018).

Figura 06: Dívida chinesa.



Fonte: Trading Economics (2019).

No artigo de Solomon e Saltenyte (2018), os programas de estímulo fiscal e de crédito adotado na China elevaram significativamente o nível de endividamento do setor não financeiro. Em relação à dívida corporativa, apresentou queda em relação ao PIB em 2016, mas foi compensado pelo aumento do governo e da dívida doméstica. O nível de endividamento das famílias se elevou acima da média dos mercados em desenvolvimento (40% do PIB). A China é um país que possui renda média com um PIB per capita ajustado à paridade do poder de compra de apenas US\$ 15.400,00 (um quarto do nível dos EUA) e para que o país possa quitar as suas obrigações com um nível de renda baixo se tornará um desafio – a China é hoje a segunda maior economia do mundo e a maior nação comercial e está em terceiro lugar no quesito de mercado de títulos.

No artigo da China Power (2017), ressalta uma análise do Banco de Compensações Internacional (BIS)¹ sobre os três tipos de dívidas em porcentagem composta no PIB total do país:

¹ Organização internacional responsável pela supervisão bancária. Promove a cooperação entre os bancos centrais e as outras agências visando à estabilidade monetária e financeira.

- **Dívida das famílias:** a dívida das famílias chinesas aumentou em média 12,1% do PIB anualmente entre 2008 e 2016, e atingiu 43,2% do PIB em 2016 – esse percentual é semelhante ao de outras economias em desenvolvimento, como: Tailândia e África do Sul.
- **Governo ou dívida soberana:** apresentou aumento de 27,1% em 2008 para 46,4% em 2016, o que a se torna superior à dívida da Coreia do Sul (40,1%), menor que a dos EUA (100,8%) e do Japão (212,9%) – a dívida da China pode ser baixa, mas há preocupação pelo acúmulo da dívida dos governos locais por causa da política governamental em oferecer apoio financeiro implícito as empresas e bancos estatais.
- **Dívida corporativa:**² houve crescimento significativo desde 2008, aumentou (porcentagem do PIB) em 70% em oito anos (2008-2016). Após 2016, a dívida registrou 166,3% ultrapassando os países em desenvolvimento, como o Brasil (43,6%) e a Malásia (68,5%).

Durante a crise financeira, as empresas estatais chinesas obtiveram uma função importante de socorrer a economia em 2008, conforme é ressaltado no artigo de Karen Yeung e Ele Huifeng (2019), jornalistas na South China Morning Post, e justificado pelo Professor Wu Xiaoqiu, vice-presidente da Universidade Renmin da China no artigo da Cissy Zhou e Amanda Lee (2019), especialistas sobre a China na South China Morning Post, os bancos preferem emprestar recursos financeiros as empresas estatais por possuírem apoio implícito do governo chinês, e as empresas estatais utilizaram do financiamento para construção de fábricas e equipamentos, respondem por mais da metade de toda a dívida corporativa, mas contribuíram com 22% do PIB total da China em 2016.

O Professor Wu Xiaoqiu, vice-presidente da Universidade Renmin da China, citado no artigo de Zhou e Lee (2019), demonstra preocupação com o aumento da dívida local, porque o governo central está permitindo que os governos locais ofereçam títulos de dívidas para financiar o desenvolvimento regional.

A dívida alta precisa de receita fiscal alta e alto crescimento econômico, mas o crescimento econômico da China diminuiu de 10% para 6%. Se a dívida do governo local continuar a aumentar da mesma forma, o custo da dívida

² Empréstimos bancários e títulos corporativos para financiar os seus investimentos e operações.

excederá a receita fiscal recebida pelos governos locais - isso significa que será difícil mantê-la, disse Wu no Fórum de Boao para a Ásia (SOUTH CHINA MORNING POST, 2019).

No artigo da Zhou e Lee (2019), argumenta que a crise da hipoteca subprime dos EUA não ocorrerá na China, pois o sistema do país está saudável e o risco está controlável, assim como não haverá desvalorização significativa do yuan pelo fato do crescimento chinês ser impulsionado pela demanda interna e não pelo investimento externo, e a China não será o centro da próxima crise financeira. E é confirmada por Zhao (2017) que a relação dívida do governo/PIB que tem sido utilizada nas últimas décadas para mensurar a vulnerabilidade do país é ineficaz – nos anos de 1990 quando a dívida japonesa se aproximava 120%, alegaram que o país iria entrar em ruína fiscal e causaria hiperinflação, e atualmente (2019) registra 253% da relação da dívida pública sobre o PIB, segundo Trading Economics (2019), com rendimentos dos títulos governamentais a zero e décadas de deflação dos preços, e faz parte do ranking das cinco maiores potências econômicas do mundo (2019).

O artigo de Ken Moak (2019), especialista em economia do jornal Asia Times, evidencia que o governo chinês aprendeu a gerenciar as suas dívidas após o cenário no final da década de 1990 com os empréstimos inadimplentes – tal evento obrigou o governo a resgatar os quatro maiores bancos do país com US\$ 400 bilhões, segundo o Conselho de Estado, o gabinete da China. O pacote de estímulo chinês em torno de US\$ 586 bilhões em 2008 demonstra o domínio na gestão da dívida. Moak (2019) reforça que o governo chinês não se endividou como é defendido pelos ocidentais, mas as ações tomadas permitiram que a China obtivesse um crescimento econômico de 6,5% em 2008 para 9,2% em 2009, segundo o FMI.

Mourdoukoutas (2018) contradiz a opinião dos especialistas citados anteriormente afirmando que, o aumento da dívida chinesa apresenta tendência de um colapso com possibilidade de repercutir globalmente, e os principais países que serão afetados são os que mantêm relação comercial e exportam significativamente a China, por exemplo, em 2017, segundo OEC World (2019) cita os seguintes países: Coreia do Sul (25%), Malásia (16%) e o Vietnã (18%), e o Brasil tem aumentado a participação entre 2017-2018 de 21,8% para 26,8% que supera os EUA que representa 12% das vendas externas do Brasil, ressaltado no artigo da Nielmar de Oliveira (2019), repórter da Agência Brasil, a vulnerabilidade dos países. O mercado americano também seria afetado pela crise da

China no quesito de poder de compra, porque a China possui um mercado consumidor em crescimento e há presença de empresas americanas no país.

O estímulo de crédito que a China lançou durante a crise de 2008 permitiu que sobrevivesse a crise mundial, porém resultou nas responsabilidades em gerenciar de forma eficiente a dívida nacional. Há contradição entre os especialistas, conforme citado anteriormente, por mais que aleguem que a dívida chinesa está transparente e que não afetará o desenvolvimento econômico mundial, é necessário se preocupar por estarmos passando por um período de “*pea soup*”, porque não se sabe o que se espera do outro lado da névoa.

3.2.1 Resposta governamental a dívida chinesa

No artigo da China Power (2017), o governo chinês tomou medidas para corrigir o aumento da dívida. Xu Zhong, chefe do departamento de pesquisa do Banco Popular da China, reconheceu em 2017 que o elevado estímulo e a má gestão corporativa estão conduzindo o país a sérios problemas e após o atual presidente chinês, Xi Jinping, declara que:

desalavancará a economia adotando firmemente uma política monetária prudente e priorizando a redução da alavancagem nas empresas estatais.
(CHINA POWER, 2017)

No 13º Plano Quinquenal de 2015, as autoridades chinesas determinaram medidas de reforma para combater a vulnerabilidade relacionada com a dívida corporativa. Muitas das políticas introduzidas pelo governo visam à redução das dívidas do governo local e entre outras medidas implantadas para conter o aumento do endividamento. Os colaboradores da Moody's (agências de classificação de risco de crédito) afirmam que as reformas permitem desacelerar o endividamento, mas não o suficiente e ressalta que pode ocorrer outro rebaixamento de rating (nota de crédito que mensura a capacidade do país ou da empresa em honrar com as obrigações financeiras) se o crédito chinês não for controlado. Pequim está determinada a implantar reformas necessárias para corrigir a vulnerabilidade da economia, mas ainda é cedo para afirmar se essas reformas serão capazes de corrigir o cenário de endividamento, no artigo da China Power (2017). Segundo Michael Wang (2019), da CGTN, argumenta que a China possui o seu nível de endividamento sob controle, pelo fato da dívida estar registrada em moeda local, o

governo possui os ativos de alta qualidade que permite cobrir todas as dívidas corporativas governamentais e empresas públicas, os canais de empréstimos estão mais transparentes, sistema sólido e eficiente, reforma no mercado de capitais que os tem tornado menos dependentes das dívidas na captação de recursos.

Nos últimos anos a China aprendeu com os seus erros sobre a importância do gerenciamento da dívida, e tem apresentado planos para que o seu crescimento continue sustentável. Para que possa manter a influência mundial, observamos a necessidade de corrigir esse cenário para que a sua economia não entre em colapso econômico.

4. CONCLUSÃO

O aumento significativo da dívida global no período de 10 anos tem se tornado preocupante, mas se torna evidente que em curto prazo não ocorrerá um colapso econômico, a atenção sobre esse fator não deve ser ignorado – o endividamento se torna necessário de acordo com o objetivo individual de cada governo, mas deve-se ter cautela na obtenção de empréstimo.

Diante dos fatos apresentados, a China tem gerado preocupação em nível mundial por causa da sua influência no endividamento. O OBOR tem chamado atenção nos últimos anos em países carentes de recursos que desejam se desenvolver, por mais que os países ocidentais vejam essa iniciativa chinesa como meio para expandir a sua influência e até criar armadilha de dívida, o que não deve ser ignorado, o endividamento é aceitável desde que gere resultado positivo a economia e que possua uma gestão sustentável, pois o acúmulo de grande quantidade de dívida tende a reduzir o crescimento econômico ao invés de promovê-lo. O empréstimo deve ser regulamentado, analisar a capacidade financeira do tomador e os objetivos dos players envolvidos para não impulsionar a inflação ou até mesmo o descontrole que ocasione a crise financeira do Estado.

Diante das opiniões divididas entre os especialistas, há um questionamento sobre os motivos ou quem será o responsável pela próxima crise financeira: a economia chinesa em crescimento, os governos que estão obtendo grandes quantidades de dívidas ou a guerra comercial dos Estados Unidos versus China – são eventos que contribuem de certa forma no enfraquecimento econômico, porém é necessário buscar corrigir uma das

variáveis que está enfraquecendo o crescimento econômico global, por mais que o crédito seja tentador, não se deve pensar apenas no resultado de curto e médio prazo, e sim quanto do empréstimo obtido hoje irá afetar positivamente ou negativamente a sociedade em longo prazo, e se o Estado possui capacidade econômica de suportar o pagamento dos empréstimos.

5. REFERÊNCIAS

AMADEO, Kimberly. US Debt to China, How Much It Is, Reasons Why, and What If China Sells. Disponível em: <<https://www.thebalance.com/u-s-debt-to-china-how-much-does-it-own-3306355>>. Acesso em 27 dez. 2018.

AMADEO, Kimberly. The National Debts and How It Affect You. Disponível em: <<https://www.thebalance.com/what-is-the-national-debt-4031393>>. Acesso em 27 jan. 2019.

BANCK, ICBC Standard. Belt and Road - Interim Report - Tracking evolving scope, discovering expanding opportunities. Disponível em: <https://d2rpg8wtqka5kg.cloudfront.net/430082/open20180424023200.pdf?Expires=1565399324&Signature=feWuReTzKZ0Qpid3E32i3sdntybZO9ihhBm9e0YHCI4k~ovDzXKwFJUmDr5JqxX7Z~BWW9DNVjYnQj~5fw2qBAJWxIpsxdgJldMd6pjXei1iFUX~M3T8pxAyk1WzQ1pIoXTQm1i0Yiy4udqCxrQoGTxbRAn6tSVsP43dfXMGoSjYdwD~SbsC6PhZzgi-BUmwX-hKB8vSD3QTGJk1CkHuEliSRZNSxibkR5VeiToANCKLpnIAtUS1robUEaYLdehvqwwrKI96EwTnzA0F~T-pKUDV4FOd1BV76lREVy0EYFGL6s0IUIqDqQZMj6vAWCMMLsD1QeYM1UjOssoj4Ow__&Key-PairId=APKAJVGCMR6FQV6VYIA> Acesso em 09 ago. 2019.

BLOOMBERG. Sizing Up China's Debt Bubble: Bloomberg Economics. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-02-08/sizingupchina-s-debt-bubble-bloomberg-economics>>. Acesso em 27 dez. 2018.

BULLOCH, Douglas. Keynesian Or Austrian? How China Should Have Solved Its Economy. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/douglasbulloch/2016/10/31/from-long-march-to-longrun-how-chinas-contemporary-struggle-is-over-economictheory/#78637dae63ac>>. Acesso em 29 dez. 2018.

CHAPPATTA, Brian. \$250 Trillion in Debt: the World's Post-Lehman Legacy. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/graphics/2018-lehmandebt/>>. Acesso em 22 dez. 2018.

CHU, Ben. Global debt: Why has it hit an all-time high? And how worried should we be about it? Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/business/analysis-and-features/globaldebtcrisis-explained-all-time-high-world-economy-causes-solutionsdefinitiona8143516.html>>. Acesso em 24 dez. 2018.

- COCHRANE, Steven G., ELI, Katrina, KOROBKIN, Marc. Some Rising Pressure Points in Global Debt. Disponível em: <<https://www.moodyanalytics.com//media/article/2018/global-debt.pdf>>. Acesso em 11 jun. 2019.
- DONCEL, Luis. Desaceleração econômica global amplia fosso entre países ricos e pobres. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/28/economia/1556466011_516599.htm>. Acesso em 10 mai. 2019.
- ECONOMICS, Trading. Japão – Dívida Pública % PIB. Disponível em: <<https://pt.tradingeconomics.com/japan/government-debt-to-gdp>>. Acesso em 18 abr. 2019.
- ECONOMICS, Trading. China Government Debt to GDP. Disponível em: <<https://tradingeconomics.com/china/government-debt-to-gdp>>. Acesso em 11 de Junho de 2019.
- ELLIOT, Larry. Global debt now worse than before financial crisis, says IMF. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/business/2018/apr/18/global-debt-nowworse-than-before-financial-crisis-says-imf>>. Acesso em 24 dez. 2018.
- ESCOBAR, Pepe. Where the Silk Roads meet the mighty Mekong. Disponível em: <<https://www.asiatimes.com/2019/04/article/where-the-silkroads-meet-the-mightymekong/>>. Acesso em 28 abr. 2019.
- ESTADÃO. FMI perdoa a dívida de 19 países pobres. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,fmi-perdoa-a-divida-de-19-paisespobres,20051221p10380>>. Acesso em 30 jul. 2019.
- EXAME. Começou oficialmente a guerra comercial entre os EUA e China. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/economia/comecou-oficialmente-aguerracomercial-entre-eua-e-china/>>. Acesso em 17 abr. 2019.
- FRED. Effective Federal Funds Rate. Disponível em: <<https://fred.stlouisfed.org/series/FEDFUNDS>>. Acesso em 18 abr. 2019.
- HATTON, Celia. China's secret aid empire uncovered. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-asia-china-41564841>>. Acesso em 27 dez. 2018.
- HOLMES, Frank. How China went from communist to capitalist. Disponível em: <<https://www.businessinsider.com/how-china-went-from-communist-to-capitalist-201510>>. Acesso em 26 abr. 2019.
- JORDAN, Jerry L. Here's Where All That Chinese Money Came From. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/realspin/2017/04/04/heres-whereall-that-chinesemoney-came-from/#37a24772a4a1>>. Acesso em 27 dez. 2018.
- KRUGER, Raphael. Qin Shi Huang – O primeiro imperador da China. Disponível em: <<http://pakuacuritiba.com.br/2014/09/qin-shi-huang-o-primeiro-imperador-dachina/>>. Acesso em 03 ago. 2019.
- LAWDER, David. IMF cuts world economic growth forecasts on tariff war, emerging market strains. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/usimfworlbank-outlook/imf-cuts-world-economic-growth-forecasts-on-tariff-waremergingmarket-strains-idUSKCN1MJ025>>. Acesso em 13 jun. 2019.

- LIY, Macarena Vidal. Na China, a ‘rebelião’ contra os “9.9-6”: trabalho das 9h às 21h, seis dias por semana. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/19/internacional/1555672848_021656.html>. Acesso em 22 abr. 2019.
- MACDONALD, Scott B. Global Debt: The Next Great Financial Crisis? Disponível em: <<https://nationalinterest.org/feature/global-debt-the-next-greatfinancial-crisis25683>>. Acesso em 25 dez. 2018.
- MAJASKI, Christina. Yuan vs. Renminbi: What’s the difference? Disponível em: <<https://www.investopedia.com/articles/forex/061115/yuan-vs-rmbunderstandingdifference.asp>>. Acesso em 17 abr. 2019.
- MAYEDA, Andrew. World Debt Hits Record \$164 Trillion. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-04-18/world-debt-hits-record164trillion-as-crisis-hangover-lingers>>. Acesso em 22 dez. 2018.
- MEAD, Nick Van. China in Africa: win-win development, or a new colonialism? Disponível em: <<https://www.theguardian.com/cities/2018/jul/31/china-in-africa-winwindevelopment-or-a-new-colonialism>>. Acesso em 22 abr. 2019.
- MOAK, Ken. China’s debts sustaining its economic growth. Disponível em: <<https://www.asiatimes.com/2019/03/opinion/chinas-debts-sustaining-itseconomicgrowth/>> Acesso em 18 abr. 2019.
- MOURDOUKOUTAS, Panos. Debt, not trade war, is China’s biggest problem. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/panosmourdoukoutas/2018/11/24/debtpot-tradewar-is-chinas-biggest-problem/#7ca9d7964c4d>>. Acesso em 18 abr. 2019.
- MOURDOUKOUTAS, Panos. Trade war or not, Beijing will continue buying U.S. Treasuries – It has no choice. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/panosmourdoukoutas/2018/03/25/trade-war-or-notbeijing-will-continue-buying-us-treasuries-it-has-nochoice/#1817aae15d68>>. Acesso em 22 abr. 2019.
- O’BRIEN, Fergal. Global Economy Hits Its Weakest Spell Since Financial Crisis. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2019-0311/globaleconomy-hits-its-weakest-spell-since-financial-crisis>> Acesso em 22 abr. 2019.
- OLIVEIRA, Eliane. China quer construir ‘versão atualizada’ da parceria com o Brasil, diz embaixador de Pequim. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/china-quer-construir-versao-atualizada-daparceriacom-brasil-diz-embaixador-depequim23601825?fbclid=IwAR3ZVCAs0VcYrgnDtTGMP8F0wdAa3dkK85OH3PDV5s_gkEY9jYRcB9Kzlgg>. Acesso em 17 abr. 2019.
- OLIVEIRA, Nielmar de. China e commodities lideram aumento das exportações brasileiras. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/201901/china-ecommodities-lideram-aumento-das-exportacoes-brasileiras>>. Acesso em 17 abr. 2019.
- ORGAZ, Cristina J. O cruzeiro em que economistas ocidentais ajudaram a criar ‘socialismo de mercado’ na China. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral->

- 49149854?ocid=socialflow_facebook&fbclid=IwAR1OHoNUyKaYoEshwzsAyPGCSaf3TfolKloTZvux56J9GClO-8AxuN7grak>. Acesso em 03 ago. 2019.
- PETRUNO, Tom. Another financial crisis? Soaring global debt since 2008 raises risk as world economy sputters. Disponível em: <<https://www.latimes.com/business/la-fi-investing-quarterly-debt-20160710snapstory.html>>. Acesso em 24 dez. 2018.
- POWER, China. Does China face a looming debt crisis? Disponível em: <<https://chinapower.csis.org/china-face-looming-debt-crisis/>>. Acesso em 28 dez. 2018.
- POZZI, Sandro. FMI descarta recessão mundial, mas alerta para o impacto do Brexit e da guerra comercial. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/02/economia/1554201957_597143.html>. Acesso em 18 abr. 2019.
- SACHS, Jeffrey D. O Fim da Pobreza. São Paulo. Editora Schwarcz Ltda. 2005.
- SANDRONI, Paulo. Novíssimo Dicionário de Economia. São Paulo: Editora Best Seller, 1999.
- SEDHI, Ami. Global debt has grown by \$57 trillion in seven years following the financial crisis. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/news/datablog/2015/feb/05/global-debt-hasgrown-by57-trillion-in-seven-years-following-the-financial-crisis>>. Acesso em 24 dez. 2018.
- SOLOMON, Daniel; SALTENYTE, Ugne. Global Economy 10 Years after the Financial Crisis. Disponível em: <<https://blog.euromonitor.com/globaleconomy-10years-after-financial-crisis/>>. Acesso em 27 dez. 2018.
- SUA PESQUISA. Revolução Chinesa. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/historia/china/revolucao_chinesa.htm>. Acesso em 03 ago. 2019.
- TANZI, Alexandre. Global Debt Topped \$247 Trillion in the First Quarter, IIF Says. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-0710/global-debttopped-247-trillion-in-the-first-quarter-iif-says>>. Acesso em 27 dez. de 2018.
- TAU, Su-Lin. China's rich: where do they get their money? Disponível em: <<https://www.afr.com/brand/boss/chinas-rich-where-do-they-get-theirmoney20180812-h13vbu>>. Acesso em 27 dez. 2018.
- VOCABULARY. Pea Soup. Disponível em: <<https://www.vocabulary.com/dictionary/pea%20soup>>. Acesso em 22 abr. 2019.
- WANG, Michael. Why China won't have a debt crisis. Disponível em: <<https://news.cgtn.com/news/3d3d514f3251544d33457a6333566d54/index.htm>>. Acesso em 18 abr. 2019.
- WATTS, Gordon. Game of loans and the New Silk Roads. Disponível em: <<https://www.asiatimes.com/2019/04/article/game-of-loans-and-the-new-silkroads/>>. Acesso em 07 mai. 2019.
- WATTS, Gordon. China's long and winding road to equality. Disponível em: <<https://www.asiatimes.com/2019/04/article/chinas-long-and-winding-roadtoequality/>>. Acesso em 07 mai. 2019.

WONG, Edward. China's Export of Labor Faces Scorn. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2009/12/21/world/asia/21china.html>>. Acesso em 27 dez. 2018.

WORLD, OEC. The Observatory of Economic Complexity. Disponível em: <<https://oec.world/en/>>. Acesso em 01 ago. 2019.

YEUNG, Karen. HUIFENG, Ele. Can China count on its SOEs to boost ailing employment amid US-China trade war? Disponível em: <<https://www.scmp.com/economy/china-economy/article/3003140/can-chinacount-itssoes-boost-ailing-employment-amid-us>>. Acesso em 22 abr. 2019.

ZHAO, Chen. Stop worrying about Chinese debt, a crisis is not brewing. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/0ca50290-d82c-11e7-950459efdb70e12f>>. Acesso em 18 abr. 2019.

ZHOU, Cissy. LEE, Amanda. China's local government debt at 'boiling point' as Beijing seeks to boost growth, says renowned academic. Disponível em: <<https://www.scmp.com/economy/china-economy/article/3003366/chinas-localgovernment-debt-major-risk-beijingallows-more>>. Acesso em 22 abr. 2019.

*** Samuel Leite: é aluno do curso de Economia da ESAMC Sorocaba.**

**** Carla Giuliani: é economista e professora da ESAMC Sorocaba.**